

JAZZ

11 MAIO 2018

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Gabriel Ferrandini, Evan Parker, Sten Sandell e Axel Dörner

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturigest



Sex 11 de maio
21h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h · M6

Bateria Gabriel Ferrandini **Saxofone** Evan Parker
Piano Sten Sandell **Trompete** Axel Dörner

Entre os maiores

No que ao jazz criativo e à música improvisada diz respeito, mas não só (dadas as suas incursões pelo rock ou pelas tendências mais experimentais), Gabriel Ferrandini tornou-se nestes últimos anos num “caso”, dentro e fora de portas. A forma muito particular como utiliza o instrumento bateria chamou a atenção dos melómanos, da crítica e dos seus pares um pouco por todo o mundo, graças ao interesse

despertado pela atividade dos dois principais grupos em que participa, Red Trio e Rodrigo Amado Motion Trio. Com discos editados por etiquetas de outros países e frequentes digressões internacionais, o sucesso de ambas estas formações tem sido também o sucesso pessoal do jovem músico, e se foi nelas que este começou a tocar com improvisadores de outras proveniências, como John Butcher, Steve Swell, Peter Evans e Jeb Bishop, outras parcerias se proporcionaram, como a que o seu duo com o saxofonista Pedro Sousa, entretanto batizado como Peter Gabriel, fez com Thurston Moore (Sonic Youth) e Johan Berthling (Tape). Bem como se proporcionou o desejo de tocar com as figuras de referência, designadamente aquelas de outras gerações que fizeram muito antes aquilo que ele está por estes dias

a fazer, introduzindo e desenvolvendo novas linguagens musicais. Pois aqui o encontramos com três delas, Evan Parker (Reino Unido), Sten Sandell (Suécia) e Axel Dörner (Alemanha).

Adianta Ferrandini: «São três artistas que oiço muito desde que descobri esta música. O Evan esteve nos seus inícios e por isso não só tem sido, desde sempre, uma grande influência para mim como era um sonho poder tocar com ele. Foi o músico com quem aprendi mais sobre questões técnicas que envolviam ideias de peso/leveza, de interligação de fraseados, de não acabamento das estruturas de forma quadrada... É meio infinito o que ele “inventou”. O Axel é um dos grandes músicos que conseguiram equilibrar o lado emocional do jazz com esse outro, mais cerebral, da improvisação livre. O Sten é, simplesmente, um dos meus pianistas favoritos. Afasta-se mais do jazz, mas tem uma linguagem própria e linda, difícil de catalogar. Este encontro tornou-se possível porque Pedro Costa, o programador e também responsável da editora Clean Feed, alinhou comigo em fazer um concerto com os “cotas”. Mais tarde, a Paula Garcia do Teatro Viriato, em Viseu, também quis entrar na aventura. Estou muito grato por isso...»

Até aqui chegar, foi longa e atribulada a caminhada que empreendeu, em comunhão de propósitos e de vivências com muitos músicos portugueses. Os que integram o Red Trio e o Motion Trio conseguiram ganhar uma projeção que outros ainda não têm, mas a circunstância acabou por lhes abrir, também a eles, uma porta de opor-

tunidade. «Felizmente temos tocado bastante lá fora. Se assim não fosse, não sei se conseguiríamos sobreviver. Não só a nível económico, mas também em termos de concretização e realização pessoal. Era fundamental podermos celebrar o que fazemos e amamos. Apesar de achar que as coisas estão cada vez melhor por aqui, ainda assim é muito duro... E eu nem me posso queixar!», desabafa o baterista.

Ferrandini não sabe exatamente como é que estes três pioneiros o veem, mas o certo é que aceitaram de imediato o convite e havia já uma relação. Ou para ser mais rigoroso, três relações: «O Sten foi o primeiro que conheci. Rodrigo Amado organizou em 2009 uma orquestra luso-escandinava na Casa da Música que me permitiu conhecer muita malta, incluindo ele. Trataram-me todos com muito carinho, até porque eu era o putito da banda. O Axel ficou retido em Portugal no ano seguinte, depois de um concerto da Granular com Carlos “Zingaro” e Norbert Moslang, quando o vulcão da Islândia lançou no ar uma nuvem de fumo que fez com que se cancelassem voos por toda a Europa durante vários dias. Arranjei o contacto dele, enchi-me de coragem e convidei-o a gravar comigo. Ficámos amigos até hoje. Sempre que vou a Berlim tocamos uns gigs e agora ele está a colaborar também com o Red Trio. A minha relação com o Evan começou com as duas maravilhosas residências artísticas que o Jazz ao Centro Clube organizou nas Aldeias do Xisto em 2012 e 2013. Acho que o Evan ficou muito próximo de nós desde então. O verão passado, eu

e o Sousa passámos outra vez uns dias com ele em Viseu, no âmbito do festival Jardins Efémeros. Entre gins tónicos na piscina, tocarmos em sítios perdidos e falarmos sobre música até às cinco da manhã, ficou uma ligação bem forte. Ele assistiu à atuação do duo Peter Gabriel e acho que isso o motivou a aceitar este desafio.»

Algo mais de comum encontra Gabriel Ferrandini nas quatro personalidades que pela primeira vez agora se reúnem no palco: a mesma aversão pelas “regras”. «Quando se juntam pessoas com vozes próprias muito vincadas a meta é fazer algo que esteja além do que ficou definido, e inclusive no contexto da chamada “improv”. Mas como está implícito, não sei o que se vai passar e não falámos sobre absolutamente nada, nem queremos...», diz este lisboeta nascido na Califórnia de pai português originário de Moçambique e de mãe brasileira com ascendência italiana. Um “cidadão do mundo” que, em concordância com o seu ADN, pratica uma música que cruza diferentes vocabulários musicais, sendo o jazz apenas um de muitos.

«As ferramentas do jazz foram sempre por mim estudadas e utilizadas, mas agora tenho mais material para investir e desenvolver fora desse género musical. Se hoje me preocupo mais com as dinâmicas, provavelmente isso tem que ver com o facto de ter mais controlo técnico e de não depender apenas da energia, que é a característica que mais me apontam. Ou deve-se a ter mais coisas para dizer. Quando temos uma dinâmica maior os polos opostos,

silêncio e ruído, criam um espectro mais largo e é pelo meio que quero estar, com o máximo espaço de escolha possível para tomar as minhas decisões. Não estou a estudar mais o jazz do que fazia antes, mas tenho prestado atenção a alguns bateristas/compositores, como Tony Williams. A Love Song deste foi sempre uma malha importante na minha vida. Não só é linda, como é daquela fase surreal em que ele tinha 23 anos de idade. É algo de muito especial. Quando, em 2015, Pedro Alfacinha nos desafiou a fazer algo de diferente da “freezada” do costume, para um concerto na sua galeria de arte, eu e Pedro Sousa começámos uma nova fase dos nossos respetivos percursos. No caso do Sousa, oiço-o a aceitar mais os blues que tinha dentro dele!», comenta Ferrandini sobre as recentes transformações do seu estilo baterístico.

Neste concerto, será de esperar uma performance entre o energético e o subtil: «A exemplo do que me lembro do Sandell nos concertos do seu trio com Johan Berthling e Paal Nilssen-Love ou de coisas que já fiz com o Axel. Este *gig* não vai ter parametrizações, mas acho que não vamos ser especialmente explosivos. A energia é uma nossa particularidade natural, mas julgo que a poesia será o fator mais importante. Talvez procuremos materiais novos, quem sabe? Não houve tempo nem dinheiro para fixar este encontro em estúdio. Uma pena, mas vamos gravar os dois concertos em Lisboa e em Viseu.»

A ida à Culturgest insere-se no ciclo Isto é Jazz?, mas não haverá grande preocupação em responder na positiva

ou na negativa à pergunta dada como mote. «Tal como a música clássica, o jazz tem um lado hiper-egocêntrico. Sempre amei esta música, mas o que amo mais é a música no geral. A música, as pessoas e a rua. Faço dos meus dias tocar, ouvir e assistir ao máximo de concertos que me é possível. Não se pode dizer o mesmo de muitos colegas, e se às vezes o fazem é só para frequentarem o seu pequeno círculo. Sempre fui inspirado por pessoas da eletrónica, do rock, da canção, da música de dança... Toco esta música, mas faço questão de assistir às atuações de outros artistas que têm projetos nada coincidentes com o meu castelinho de espelhos. Às vezes nem quero saber se gosto, até porque me parece arrogante sair de casa com o objetivo de ter prazer com um concerto. É preciso ir e estar para além do propósito de formar uma opinião. O engraçado é verificar o quanto esta atitude mudou, com o tempo, a minha música. Vim desse tal jazz e dessa tal improvisação, mas por estar exposto a tanta coisa que Lisboa oferece, acabei por me perder do jazz e dos seus vícios. Procuo outras ferramentas para saber quem sou e o que devo fazer nesta vida, hoje, agora», argumenta Gabriel Ferrandini.

E porque é muito o que Lisboa tem para oferecer, porque se tornou possível para Ferrandini viver da música que toca, parece afastada a possibilidade de o mesmo rumar a outras paragens em busca de melhores oportunidades: «Quero cá ficar. Como costume dizer, a Europa dá-me uma grande esfrega. Prefiro combater o que está mal com as

nossas vozes e os nossos corpos. Amo isto e Lisboa está super sexy. Tanto músico e tanto *gig*! Mesmo sendo difícil, há imensa gente a inspirar-me. Não só os músicos, mas o público também, e espaços como a ZDB, o Damas e muito mais. Os músicos precisam de palcos para tocar e isto está a ferver. Faz bom tempo e ninguém tem de pagar 10 euros por uma cerveja, apesar das tentativas motivadas pelo turismo. Isto ainda está para as pessoas e eu quero pertencer a essa realidade. Alguma coisa me diz, até, que vai ficar ainda melhor. Mas mesmo que as coisas se tornem maldosas, mais força isso nos dará para lutar.»

Esta concretização de uma das mais fantasiosas aspirações de Gabriel Ferrandini é um importante episódio da sua luta diária, tão importante que só lhe podemos vaticinar os mais entusiasmantes desfechos. A partir deste dia, o seu nome passará a constar entre os maiores da música que se cria no próprio momento da sua apresentação e esse é um feito de todo invulgar para quem vive em Portugal, um país que por tradição é culturalmente periférico. Antes dele, nesta área da música, só Carlos “Zíngaro”, Rafael Toral e Rodrigo Amado o tinham conseguido...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Gabriel Ferrandini

Nascido em Monterey, na Califórnia, de pai português natural de Moçambique e de mãe brasileira de ascendência italiana, Gabriel Ferrandini é a força da natureza que anima percussivamente as músicas do Red Trio e do Rodrigo Amado Motion Trio e que temos ouvido também em duos com Pedro Sousa e Pedro Lopes. No seu preenchido currículo estão já parcerias com personalidades de dimensão internacional como Thurston Moore, Nate Wooley, Carlos “Zíngaro”, Rob Mazurek, Alfred “23” Harth e David Stackenas. Músico nervoso e irrequieto, tem uma abordagem da bateria muito *sui generis*, caracterizada ora pela extrema violência, ora por pequeníssimos elementos sonoros.

Sten Sandell

Proveniente de Estocolmo, na Suécia, Sten Sandell fez-se notar pela forma como introduziu elementos idiomáticos provenientes da música erudita, do rock e de diversas tradições étnicas numa prática composita da improvisação que começou por ter expressão no trio Gush, com Mats Gustafsson e Raymond Strid. Pianista com ocasionais incursões pelo órgão, o harmónio e a eletrónica, por vezes recorrendo também ao canto bifónico, o seu percurso tem sido realizado com projetos próprios ou em combinação com músicos como Paal Nilssen-Love, Chris Cutler, Johan Berthling e Nina de Heney, entre muitos outros.

Evan Parker

Nascido em Bristol, Inglaterra, Evan Parker começou por ser conhecido na década de 1960 pelo inovador trabalho desenvolvido no Spontaneous Music Ensemble de John Stevens e pela inclusão num disco que é todo um marco histórico, Machine Gun de Peter Brotzmann. Depois vieram as suas associações a Alexander von Schlippenbach e Chris McGregor, para além dos seus próprios projetos, entre eles se destacando o duo com Derek Bailey, o Evan Parker Trio e o Electro-acoustic Ensemble. Ao longo do seu percurso tocou tanto com improvisadores, a exemplo de Cecil Taylor, Anthony Braxton e Roscoe Mitchell, como com figuras de outras expressões musicais, de Robert Wyatt e David Sylvian aos Squarepusher.

Axel Dörner

Natural de Colónia, na Alemanha, Axel Dörner impôs o seu nome tanto nos circuitos do jazz *mainstream* (cofundou o grupo base, Die Enttäuschung, que mais tarde se tornaria no projeto Monk’s Casino) como na vanguarda, inaugurando uma boa parte das inovações lexicais e técnicas do trompete nas últimas décadas. Músico especialmente ativo, tem tocado com os principais protagonistas internacionais da música criativa, numa longa lista que vai de Ken Vandermark, John Butcher, Phil Minton e Paul Lovens a Sven-Ake Johansson, Frank Gratkowski, Andrea Neumann e Kevin Drumm.

Próximo espetáculo

Cristina Planas Leitão

UM [unimal]

Dança Sex 18, sáb 19 de maio

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração: 1h · M14

Trabalha-se o binómio danças de resistência/resistência na dança. Através de comandos e instruções ao vivo, transmitidas à intérprete durante toda a peça, por sistema *in-ear*, questionam-se conceitos como autoria, autoridade, liberdade e liderança.



© Cristina P. Leitão com grafismo de Eduardo Ferreira

Próximo espetáculo de música

Ensemble Darcos e Nuno Côrte-Real

Mosaico

Música Dom 27 de maio

Galerias · 19h30 · Duração: 1h · M6

A realizar-se na rampa que dá acesso às Galerias da Culturgest, fabuloso espaço acústico de convergência e descoberta, este concerto apresentará um mosaico da nova música portuguesa contemporânea, com três estreias absolutas e duas revisitações de obras já escritas.



Ensemble Darcos © Rui Mergulho

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Catarina Medina

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona
(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Flávia Ferreira (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt